

A notícia em versos: relações entre jornais e folhetos de cordel no Pará na primeira metade do século XX¹

The news in verse: relationships between newspapers and cordel booklets in Pará State during the first half of the 20th century

Geraldo Magella de Menezes Neto²

Resumo: O trabalho analisa as relações entre jornais e folhetos de cordel, comparando as notícias sobre o caso conhecido como o “crime da Praça da República”, ocorrido em 1942, publicadas no jornal *Folha Vespertina*, e em dois folhetos de cordel do poeta Arinos de Belém, publicados pela editora Guajarina, de Belém do Pará. Desse modo, pretende-se entender como ocorrem as transformações das notícias em versos de cordel.

Palavras-chave: folhetos de cordel, jornais, notícias.

Abstract: This paper examines the relationship between newspapers and cordel booklets, comparing reports on the case known as the “Republic Square crime” (1942), published in *Folha Vespertina* newspaper, and two cordel booklets written by poet Arinos de Belém and edited by Guajarina publishing house, based in Belém. Thus, the aim is to understand how to turn news into cordel literature verses.

Keywords: Cordel booklets, newspapers, news.

Introdução

Ainda não se deve haver apagado do espírito público a lembrança do bárbaro crime ocorrido no silêncio da casa nº. 6, da praça da República, perpetrado com requintes de incrível perversidade, e do qual foi vítima a infelizmente peruana Izabel Tejada y Perez, ou simplesmente Izabel Tejada.³

¹ Este trabalho faz parte do projeto *Por uma história da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1914-1949)*, sob a orientação da Dra. Franciane Gama Lacerda (PPHIST-UFPA), com o apoio financeiro da CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

³ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 11 horas, 21 dez. 1942. p.1. [Nota da editora de Fronteiras: as citações extraídas diretamente de documentos produzidos no período analisado não foram modernizadas.]

A história que vou contar
na sua forma real,
tem como protagonista
deste caso emocional
um paraense bem jovem
mais feroz que um chacal.⁴

Os dois trechos acima se referem a um crime de grande repercussão que ocorreu na cidade de Belém do Pará em novembro de 1942: trata-se do caso conhecido como o “crime da Praça da República”. O primeiro trecho é uma reportagem do jornal *Folha Vespertina*, em sua edição das 11 horas de 21 de dezembro de 1942, que apontava em sua manchete ter sido desvendado pela polícia o assassinato de Izabel Tejada. O segundo trecho é uma das estrofes do primeiro volume do folheto de cordel *O crime da Praça da República*, do poeta Arinos de Belém, publicado pela editora Guajarina,⁵ de Belém do Pará, provavelmente entre o final de 1942 e início de 1943.

Os dois trechos são um exemplo da estreita relação entre a chamada literatura de cordel e a imprensa. De fato, na primeira metade do século XX o jornal era uma das fontes dos poetas de cordel, principalmente nos chamados “folhetos de acontecido”, aqueles que tratam dos “últimos acontecimentos”, desde temas locais como crimes, acidentes, mortes de políticos importantes, até os de âmbito nacional e internacional, como revoluções e guerras.⁶ Vários autores destacam a importância desses tipos de folhetos como meio de informação. Para Joseph Luyten, esses folhetos “constituem um sistema de Jornalismo Popular, resguardadas as suas

⁴ BELÉM, Arinos de. **O crime da Praça da República**. Belém: Guajarina, s/d. p. 2.

⁵ A editora Guajarina foi criada em Belém no ano de 1914, tendo como editor o pernambucano Francisco Lopes. Além da literatura de cordel, a editora publicava revistas como *O Mondrongo e Guajarina*, assim como uma coleção de modinhas. A editora encerrou suas atividades no ano de 1949. Segundo Vicente Salles, a Guajarina foi “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel”. Sobre a Guajarina, ver: SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, n.9, jul.-set. 1971, p. 87-108; SALLES, Vicente. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985; e VICENTE, Zé. **Zé Vicente: poeta popular paraense**. Intr. e sel. Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000.

⁶ Um exemplo de que o jornal era uma fonte dos poetas está nos versos de Apolinário de Souza na história do “crime das duas malas”: “Da imprensa é que nós colhemos/ o que nestes versos vão,/ por onde se vê que é exata/ esta minha narração,/ que tem impressionado/ a nossa população.” SOUZA, Apolinário de. **O crime das duas malas**. Belém: Guajarina, s/d. p. 2.

características de aperiodicidade, âmbito restrito e estruturação poética.”⁷ Já para Mark Curran, “o cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do ‘poeta do povo’ no seu meio, ‘o jornal do povo’”.⁸ Vicente Salles afirma que “a história mundial e a do Brasil, bem como os acontecimentos locais marcantes, se tornam acessíveis ao povo, graças à literatura de cordel.”⁹

Assim, compreendendo que o jornal era uma das fontes do poeta de cordel, o objetivo deste trabalho é o de entender como ocorre a transformação da notícia do jornal em versos de cordel, a partir do caso do “crime da Praça da República”. Apesar de os dois impressos tratarem do mesmo assunto, há várias diferenças no modo de narrar do repórter e do poeta.¹⁰ Desse modo, as principais questões que nos orientam são: quais as diferenças da história do poeta para a reportagem do jornal? Quais informações o poeta exclui ou insere no folheto? Por que o poeta faz tais alterações?

A comparação entre jornal e cordel se relaciona às discussões do campo da “história cultural” e da “história do livro e da leitura”, a exemplo da análise de Roger Chartier sobre os livros da “Biblioteca azul” na França do Antigo Regime. O historiador francês afirma que os impressores se apoderavam dos “títulos em moda”; entretanto, tais textos não eram publicados do mesmo modo de sua edição original, antes passavam por uma “intervenção editorial”, quando então eram publicados no formato de livros azuis. A intervenção era de três ordens, visando “remodelar a própria apresentação do texto”, “multiplicando os capítulos”, e “aumentando o número de parágrafos – o que tornava menos densa a distribuição do texto sobre a página.”¹¹

⁷ LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992. p. 13.

⁸ CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001. p. 20.

⁹ SALLES, **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia...**, op. cit. p. 153.

¹⁰ A comparação de notícias do jornal e suas versões em folhetos de cordel já foi objeto de pesquisa de alguns autores. Ver, por exemplo: SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 127-156; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 87-90; e LACERDA, Franciane Gama. **Imprensa e poesia de cordel no Pará na primeira metade do século XX. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. CD-ROM.

¹¹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p. 175.

Do mesmo modo, na relação da imprensa e dos folhetos de cordel, as notícias são retratadas nos folhetos a partir de uma fonte “primária”, que são as reportagens do jornal. O poeta realiza então uma “apropriação” das reportagens. Contudo, a história do folheto não é produzida da mesma maneira como é tratada no jornal: ela sofre várias alterações, uma “intervenção”, como conceitua Chartier, mas que nesse caso não é apenas uma “intervenção” do editor, e sim do poeta de cordel.

O “crime da Praça da República” e suas repercussões nos impressos

Em primeiro lugar, faremos uma descrição do “crime da Praça da República” e suas repercussões nos impressos. Izabel Tejada y Perez, de nacionalidade peruana, tinha 42 anos quando foi assassinada na cidade de Belém do Pará, no dia 6 de novembro de 1942. Ela teria sido esganada por Raimundo Lucier, mais conhecido como Red Lucier, que tinha como cúmplice a sua amante Beatriz Colares. Além do assassinato, o casal teria roubado as jóias da peruana, que era proprietária de uma casa de prostituição.

O corpo de Izabel Tejada foi encontrado em sua residência, a casa de número 6 na Praça da República, no dia 11 de novembro. Assim, a polícia realizou investigações com o objetivo de esclarecer o caso. Já no mês de dezembro de 1942, Red Lucier e Beatriz Colares praticaram outro crime, o de roubo e tentativa de homicídio do chofer Francisco Santos, no momento em que este levava o casal para passeio na cidade de Belém. O chofer, contudo, sobreviveu e prestou um depoimento à polícia sobre o caso.

Outro chofer, José Cordeiro da Paz, lembrou de um casal que havia entrado no carro de Francisco Santos no dia do roubo e da tentativa de homicídio, e fez a descrição deles à polícia. A descrição correspondia às características de Red Lucier, que já tinha uma passagem pela polícia. Assim, os policiais iniciaram as buscas por Lucier, que foi encontrado junto com Beatriz Colares no dia 20 de dezembro de 1942. Depois, em um dos depoimentos, Beatriz Colares revelou que Lucier havia assassinado Izabel Tejada. Assim, pouco mais de um mês depois, a polícia conseguiu desvendar o “crime da Praça da República”.¹²

¹² A descrição do crime foi feita com base nas reportagens do jornal *Folha Vespertina* entre os meses de novembro de 1942 e janeiro de 1943 e nos folhetos *O crime da Praça da República* e *O crime da Praça da República – segundo volume*, de Arinos de Belém.

O caso teve ampla repercussão na sociedade paraense, sendo objeto de interesse de vários impressos. Na imprensa, por exemplo, o caso teve uma cobertura especial. Entre os dias 13 de novembro de 1942 e 12 de janeiro de 1943, encontramos 18 reportagens sobre o crime no jornal *Folha Vespertina*.¹³ No início, as reportagens se concentravam nas investigações da polícia. Após a descoberta dos criminosos, o jornal se concentrou no processo policial contra Red Lucier e Beatriz Colares, e em curiosidades sobre a vida dos acusados.¹⁴

Na literatura de cordel também foram produzidos folhetos que trataram sobre o crime. O Acervo Vicente Salles, do Museu da Universidade Federal do Pará - UFPA, possui dois folhetos do poeta Arinos de Belém:¹⁵ o primeiro, *O crime da Praça da República* trata do assassinato de Izabel Tejada. Já o segundo, *O crime da Praça da República – segundo volume*, trata do roubo e tentativa de homicídio contra o chofer Francisco Santos e a prisão de Lucier e Beatriz. Ambos os folhetos são da editora Guajarina, de Belém do Pará.¹⁶

¹³ Sobre o “crime da Praça da República” no jornal *Folha Vespertina*, ver as edições dos dias 13, 14 e 16 de novembro de 1942; 21, 22, 23, 26, 28, 30 e 31 de dezembro de 1942; e 4, 6, 7, 9, 11 e 12 de janeiro de 1943.

¹⁴ Outros jornais circulavam no Pará na década de 1940, como *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *A Vanguarda*. Tais jornais eram publicados em Belém e distribuídos pelo interior do Estado. Optamos por utilizar a *Folha Vespertina* pelas melhores condições de acesso ao jornal, já que várias edições dos outros periódicos estavam em processo de restauro na Biblioteca Pública “Arthur Vianna”, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, localizada em Belém.

¹⁵ Arinos de Belém era o pseudônimo de José Esteves, cujas atividades intelectuais foram diversificadas no jornalismo, colaborando nas revistas *Guajarina* e *A Semana*. Fez parte do grupo liderado por Ernani Vieira, em torno do qual conviviam os “pequenos literatos” que não tinham facilidades para ingresso nos jornais e revistas de “maior conceito”. SALLES, **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia...**, op. cit. p. 185.

¹⁶ A história do “crime da Praça da República” não se limitou a esses dois folhetos de cordel, pois há a indicação de outros que teriam sido publicados. No folheto *O crime da Praça da República – segundo volume* há o aviso de que “Sairá num só volume todo o *Crime da Praça da República* aumentado e ilustrado. Preço Cr\$ 2,00.” BELÉM, Arinos de. **O crime da Praça da República (Segundo volume)**. Belém: Guajarina, s/d, p. 16. Além disso, nos deparamos com outras referências, como o anúncio da revista *Pará Ilustrado*, que informa aos seus leitores em 1943 que acabava de ser lançado o folheto de autoria de Zé Vicente “intitulado o ‘Julgamento de Red e Beatriz’ em continuação do folheto anterior intitulado ‘Os estranguladores de Izabel Tejada.’” **Pará Ilustrado**, Belém, 20 fev.1943. p. 49.

A materialidade do jornal e do folheto de cordel

Tanto a *Folha Vespertina* quanto os folhetos de cordel da editora Guajarina trataram do “crime da Praça da República”. Mas não podemos perder de vista as características desses impressos, que são bastante distintas. Nesse sentido, é necessário compreender algumas peculiaridades dessas fontes, que também determinam a forma de narrar a história pelo repórter do jornal e pelo poeta de cordel.

Roger Chartier aponta que, ao analisarmos os impressos, devemos levar em conta a sua materialidade, já que não há compreensão de um escrito que não dependa das formas pelas quais ele chega ao seu leitor. Para se entender os sentidos adquiridos pelas obras, devem-se considerar “as relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera.”¹⁷

A *Folha Vespertina*, jornal de Belém do Pará, foi fundada pelo diretor Paulo Maranhão. Seu primeiro número data de 1º de fevereiro de 1941.¹⁸ O *slogan* dizia que o jornal era “vespertino, quotidiano e independente”. O jornal era diário, e circulava no horário das 11 horas ou das 16 horas; contudo, em algumas ocasiões, como no “crime da Praça da República”, duas edições eram publicadas no mesmo dia. Tal identificação pode nos fornecer “inúmeras pistas sobre a proposta geral da publicação”, como nos apontam Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto.¹⁹ Assim, a informação de que a *Folha Vespertina* veiculava, como subtítulo, “vespertino, quotidiano e independente” é um anúncio da “natureza de sua

¹⁷ CHARTIER, **A história cultural**, op. cit. p.127.

¹⁸ BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985. p. 271. Podemos dizer que a *Folha Vespertina* é o segundo jornal do grupo *Folha do Norte*, jornal que circulava em Belém desde 1896. Paulo Maranhão assume a direção do jornal a partir de 1917; na década de 1930 torna-se o principal opositor do interventor Magalhães Barata, nomeado por Getúlio Vargas no contexto da “Revolução de 30”.

¹⁹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 261.

intervenção e suas pretensões editoriais.”²⁰

A *Folha Vespertina* tinha quatro páginas. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a primeira página era quase totalmente dedicada às últimas notícias da guerra, geralmente provenientes de agências estrangeiras. As notícias estavam divididas em várias colunas e com algumas imagens acompanhadas de legendas explicativas. Na segunda página, encontravam-se as notícias regionais, sobre Belém e demais municípios do Pará, e informações de outros Estados. Tal página era dividida em várias colunas, tais como “Aeronavegação”, “O povo reclama”, “Os que vão se casar”, “Folha Marítima”, “O dia policial”, “A Folha nos hospitais”, “Ecos sociais”. Já a terceira página, intitulada “No mundo dos esportes”, tinha principalmente notícias sobre futebol. A quarta página, que vem a ser a quarta-capa do jornal, trazia mais notícias sobre a guerra, o que demonstra a ênfase do periódico no assunto, já que o leitor poderia começar a sua leitura a partir da quarta-capa, que também trazia o assunto que o jornal queria evidenciar.

A *Folha Vespertina* dedicará atenção ao chamado “crime da Praça da República” desde as investigações iniciais da polícia para desvendar o crime. O “ápice” dessa cobertura do caso, pelo jornal, se deu no dia 21 de dezembro de 1942, quando o jornal publicou duas edições trazendo em sua matéria de capa a resolução do caso: “Desvendado o mistério da casa nº 6 da Praça da República!”.²¹ A matéria era dividida em vários tópicos, como se fossem capítulos da história: “Um crime nas trevas”, “Um chauffeur reconhece o criminoso por uma fotografia”, “A procura do indigitado criminoso”, “A confissão do primeiro delito”, “Amante de Raimundo Lucier”, “O assassino de Izabel Tejada”, “Raimundo Lucier continua negando”, “Beatriz resolve falar a verdade”, “Red Lucier revela-se tarado invulgar”, “O assassino revela porque e como matara Izabel Tejada”.²²

²⁰ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador..., op.cit., p.261. Entretanto, cabe lembrar que no início dos anos 1940 o Brasil vivia a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesse contexto, os meios de comunicação eram alvos da censura do regime, que não permitia notícias negativas em relação ao governo. Segundo Maria Celina D’Araújo, “a imprensa deveria ter a função pública de apoiar o governo e auxiliar no projeto nacional, e quem assim não agisse poderia ser punido inclusive com a desapropriação de seus bens.” ARAÚJO, Maria Celina D’. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 38. Nesse sentido, apesar de se autodenominar “independente”, a *Folha Vespertina* também era alvo da censura do Estado Novo.

²¹ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 11 e das 16 horas, 21 dez. 1942. p. 1.

²² **Folha Vespertina**, Belém, edição das 11 horas, 21 dez.1942. p. 1.

Identificamos também várias imagens com os retratos dos envolvidos no caso, acompanhadas de legendas.

Já as características de um folheto de cordel são bastante distintas dos jornais. Em primeiro lugar, os folhetos se distinguem pelo seu aspecto físico: são impressos em papel pardo, de má qualidade, medindo de 15 a 17cm x 11cm. Nas capas se estampam o nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia impressora e seu endereço. Algumas vezes, a data de publicação, o preço, a indicação do local de venda.²³ Em relação ao número de páginas, Joseph Luyten aponta que o folheto é feito a partir de uma folha tipo sulfite, dobrada em quatro. Por isso, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito, já que cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas.²⁴ Assim, os folhetos podem ter de 8, 16, 24, 32, 48 até 64 páginas, dependendo da história.²⁵

O folheto se distingue também pela sua forma poética, que é a característica fundamental do cordel. Não existe cordel em forma de prosa, apenas em forma de versos rimados. Márcia Abreu afirma que, para adequar-se à “estrutura oficial” da literatura de cordel, um texto deve ser escrito “em versos setessilábicos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Deve seguir um “esquema fixo de rimas e deve apresentar um conteúdo linear e claramente organizado”. Deve, portanto, ter “rima, métrica e oração.”²⁶ Portanto, a materialidade é importante para caracterizar o folheto, mas é a sua forma poética que confere legitimidade a um cordel.

Ao contrário dos jornais, que utilizam várias imagens ao longo de suas páginas, os folhetos de cordel se utilizam desse recurso apenas nas capas. A imagem na capa tem uma função muito importante, já que tem o objetivo de antecipar a história a ser contada no folheto. A capa do primeiro volume de *O crime da Praça da República* era ilustrada com desenho representando a cena em que Raimundo Lucier aperta o pescoço de Izabel Tejada. Desse modo, os leitores já teriam ideia de que a história narrada era

²³ TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas:** literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global Editora, 1983. p. 23.

²⁴ LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel.** São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 45.

²⁵ Joseph Luyten (Ibidem, p.45) afirma que os nomes dos folhetos eram dados de acordo com o número de páginas. Os de oito eram chamados de *folheto* (nome, hoje, genérico); os de 16 páginas eram os *romances* e geralmente “tratavam de assuntos amorosos, na maioria das vezes trágicos.” Os de 32 páginas em diante chamavam-se *histórias* e “eram feitos pelos melhores poetas.” Os dois folhetos de Arinos de Belém possuem 16 páginas.

²⁶ ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos.** Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 119.

a de um crime. Já no segundo volume do folheto, a imagem na capa era uma fotografia de Izabel Tejada, curiosamente a mesma imagem utilizada nas reportagens da *Folha Vespertina*, indicando a relação entre esses dois impressos.

Análise comparativa do “crime da Praça da República” na *Folha Vespertina* e nos folhetos da editora Guajarina

A partir daqui faremos uma análise comparativa entre as notícias do “crime da Praça da República” na *Folha Vespertina* e nos folhetos da editora Guajarina.

Uma primeira diferença: no jornal, as notícias sobre o crime são exploradas durante vários dias, em várias edições. A primeira notícia sobre o “crime da Praça da República” na *Folha Vespertina* data de 13 de novembro de 1942, mas em janeiro de 1943 ainda temos reportagens sobre o caso. Ana Galvão aponta que o leitor do jornal, “para ficar ciente do andamento do crime, tem necessidade de ler/acompanhar a notícia durante vários dias”, o que requer inclusive “o movimento de procurar, no corpo do jornal e na seção onde eram publicados os fatos, as notícias sobre o assunto.”²⁷ Já no folheto de cordel, o poeta, ao escrever o poema, “já sabe objetivamente de todo o caso”, já formulou sua opinião sobre o assunto e sente-se apto a “compôr/contar uma história.”²⁸ O folheto é produzido após a leitura pelo poeta das reportagens do jornal. Assim, o poeta dispõe de mais informações do que, por exemplo, o repórter, que cobre a notícia de acordo com o que vai sendo colhido nas investigações.

Uma particularidade do poeta Arinos de Belém é que ele não abordou todo o caso do “crime da Praça da República” em um único folheto, diferentemente de outros folhetos da editora Guajarina sobre crimes. A opção em publicar a história em dois volumes, utilizando-se do recurso do “suspense” ao não revelar o final dos personagens Red Lucier e Beatriz Colares no primeiro folheto, talvez tenha sido uma estratégia de Francisco Lopes, editor da Guajarina, e do poeta Arinos de Belém com o objetivo de vender mais folhetos de cordel, já que o caso certamente atraiu o interesse dos leitores. A frase impressa ao fim do primeiro volume indicava: “Aguardem o 2º volume que sairá por estes dias.”²⁹ Tal recurso, apontando

²⁷ GALVÃO. **Cordel: leitores e ouvintes**, op. cit. p. 89.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ BELÉM, Arinos de. **O crime da Praça da República**. Belém: Guajarina, s/d. p. 16.

assim a continuação da história, se assemelha à estratégia dos folhetins do século XIX que eram publicados em pedaços no rodapé dos jornais, finalizados com a frase “continua no próximo número”.³⁰

Outra diferença entre jornal e folheto de cordel diz respeito ao número de personagens na narrativa. No primeiro folheto de *O crime da Praça da República*, o poeta Arinos de Belém apresenta os principais personagens relacionados ao crime, que são três: Red Lucier, Beatriz Colares e Izabel Tejada. No segundo volume, novos personagens foram incorporados, por tratar também do caso da tentativa de homicídio do chofer. Além de Red Lucier, Beatriz Colares e Izabel Tejada, fazem parte da história a Polícia, como a instituição responsável pela resolução do caso, o chofer Francisco Santos, o chofer Norberto Pereira, o investigador Porto Neves e a mãe de Lucier. Nesse sentido, o número de personagens nos dois folhetos de cordel é bastante reduzido, se comparado às notícias da *Folha Vespertina*. Por exemplo, na primeira reportagem sobre o crime, de 13 de novembro de 1942, o jornal faz referências às pessoas que fizeram o exame pericial na casa de Izabel Tejada, tais como o “dr. Galdino Araújo, 1º delegado”, “drs. Cavaleiro de Macedo, Reis de Carvalho e Orlando Bordalo, médicos legistas”, além de outras pessoas que poderiam ajudar a esclarecer o caso, como Oscar Pastor, que era “amigo íntimo de Izabel.”³¹

Segundo Márcia Abreu, para o poeta de cordel compor uma “história desembaraçada”, ou seja, uma história compreensível para os leitores, é necessário “evitar o acúmulo de personagens e de tramas, por isso é desaconselhável desenvolver enredos paralelos ou dar lugar a personagens secundários”.³² Assim procede o poeta Arinos de Belém nos dois folhetos de *O crime da Praça da República*, concentrando a sua história nos três personagens envolvidos no crime. Os outros são personagens secundários, que não possuem o mesmo destaque na história.

Márcia Abreu aponta que uma “história desembaraçada” requer também “poucos personagens, de preferência separados entre bons e maus.”³³ No caso dos dois folhetos de Arinos de Belém, os vilões são claramente definidos na história: Red Lucier e Beatriz Colares, que recebem

³⁰ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 31.

³¹ **Folha Vespertina**, Belém, 13 nov. 1942. p. 4.

³² ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, jul.-dez. 2004, p. 205.

³³ *Ibidem*, p. 206.

representações negativas nos folhetos. Sobre Lucier, Arinos de Belém assim se refere:

Nascido de humilde gente
em Igarapé-Assú
Red Lucier, a féra
viveu vida humilde e nú,
e ao Rio de Janeiro vae
qual abutre ou urubu.³⁴

É que em seu sangue talvez
por parte do pae exista
a tara do cabroeira
a vingança assassinista
que torna um filho tarado
um elemento anarquista.³⁵

Nas estrofes acima se percebe que, assim como os criminosos de outros folhetos, as representações de Lucier por Arinos de Belém são feitas com o objetivo de desumanizá-lo, destacando-se versos como “mais feroz que um chacal” e “Red Lucier, a fera”.³⁶ Contudo, uma particularidade da abordagem de Arinos de Belém em relação aos outros poetas que produzem folhetos sobre crimes de grande repercussão é que ele insere um novo elemento para justificar os crimes de Lucier: a questão da hereditariedade, ou seja, Red Lucier possui tal caráter devido aos pais. Arinos de Belém especula que Red Lucier era mau por causa do sangue do pai, que teria “a tara do cabroeira”, “a vingança assassinista”.

Já em relação a Beatriz Colares, o poeta ressalta que ela não era uma boa filha, pois, apesar dos conselhos dos pais, “via tudo ao contrário”.³⁷ Esses versos que introduzem Beatriz Colares na narrativa indicam que ela seria uma personagem “má” ao longo da história, já que não respeitar os

³⁴ BELÉM. **O crime da Praça da República**. op. cit. p. 3.

³⁵ *Ibidem*, p. 2.

³⁶ Um dos recursos utilizados pelos poetas nos folhetos sobre crimes da editora Guajarina era associar o criminoso aos animais, já que, para os poetas, os comportamentos dos criminosos não eram compatíveis com a sociedade. Sobre as representações dos crimes nos folhetos da Guajarina, ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Leitores eu vou contar, um caso impressionante, uma cena muito triste, e um crime horripilante”: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX. **Revista História em Reflexão**. Dourados, v. 5, n. 9, p. 1-19, jan-jun. 2011.

³⁷ BELÉM. **O crime da Praça da República**. op. cit. p. 8.

pais não seria uma atitude de personagem do “bem”. Arinos de Belém aponta que as atitudes dela eram atos individuais, que não tinham como origem a questão familiar, já que ela era “filha de gente boa”, “de pobre e humilde operário”,³⁸ diferente de Red Lucier.

A outra personagem da história, Izabel Tejada, apesar de ter sido vítima do crime, não pode ser encaixada como o personagem “bom”. Arinos de Belém assim a apresenta:

Izabel Tejada era
a dona daquele Harém
no local mais aprasível
da pitoresca Belém,
onde entrava boa gente
Lucier entrou também.³⁹

Dele fez o seu amante,
ele depois a odiou,
ela tinha a grave falta
que sempre a denunciou
era “cafitina” em scena
muitas vitimas causou.⁴⁰

Izabel Tejada era dona de uma casa de prostituição na capital paraense. A prática da prostituição, para o poeta e para a sociedade em geral, era condenável, então não caberia na história de um folheto de cordel retratar Izabel Tejada como uma heroína, uma vítima que possuía virtudes. Assim, nos dois folhetos sobre o crime da Praça da República, as referências que o leitor encontra sobre quem era Izabel Tejada são as de que ela era “dona daquele Harém”, e “cafitina” em scena”.

Desse modo, quem são os personagens “bons” dos folhetos de Arinos de Belém? A Polícia do Pará, que resolveu o caso e prendeu Red Lucier e Beatriz Colares, ganha vários elogios do poeta, mesmo não sendo um personagem principal. Podemos então considerar a Polícia, que aparece no segundo folheto, como o lado “bom” da história:

Chamou um carro de praça
e nele os dois conduziu,

³⁸ BELÉM. **O crime da Praça da República**. op. cit.

³⁹ Ibidem, p. 6.

⁴⁰ Ibidem, p. 7.

foi um serviço bem feito
quase mesmo ninguém viu,
a Polícia do Pará
nova fama conseguiu.⁴¹

E na *Folha Vespertina*, também podemos identificar os personagens “bons” e “maus” da história? Ao contrário do que os jornais anunciam, eles não são “imparciais” ou “neutros”. Marialva Barbosa aponta que as notícias sensacionais dos jornais “recriam a estrutura narrativa dos romances folhetins, embora os personagens sejam retirados da realidade”.⁴² Podemos então identificar nas reportagens do jornal valores atribuídos aos envolvidos nos crimes, que indicam quem está do lado “bom” e do lado “mau”.

A manchete do jornal *Folha Vespertina* em 21 de dezembro de 1942, quando o crime é desvendado pela polícia, é exemplar na representação que o jornal faz em relação ao crime e aos criminosos:

O acaso, inimigo número um dos criminosos – Um crime nas trevas serve de pista ao esclarecimento do horripilante caso – A confissão do tarado – Instinto de perversidade que assombra e revolta – Encenação dramática de um delinquente profissional perigoso – Historia de uma joven loura, cuja paixão mórbida lhe vai abrir as portas do cárcere – Um coração de mãe estraçalhado pelos desvarios de um filho degenerado – Várias e interessantes notas em torno do monstruoso assassinio que abalou o espirito da coletividade.⁴³

Marialva Barbosa, ao analisar as notícias “sensacionais” de crimes nos jornais no período 1880-1900, aponta que as notícias policiais “passam a ser cada vez mais entremeadas por pequenos subtítulos que resumem o conteúdo, motivando para a leitura do restante do texto.”⁴⁴ Nesse sentido, tais subtítulos, como os da *Folha Vespertina* sobre o “crime da Praça da República”, indicam aos leitores as representações do crime e dos criminosos que serão utilizadas ao longo da reportagem. Assim, o próprio crime ganha vários adjetivos no jornal, sendo tratado como um “horripilante

⁴¹ Ibidem, p. 13.

⁴² BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010, p. 244.

⁴³ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 11 horas, 21 dez.1942. p. 1

⁴⁴ BARBOSA. **História cultural da imprensa**, op. cit. p. 246.

caso” e “monstruoso assassinio”. Esses termos de impacto foram utilizados para atrair a atenção dos leitores e indicar o tipo de reportagem a ser mostrada. Os personagens também recebem adjetivos: Raimundo Lucier é qualificado como “tarado”, “um delinquente profissional perigoso”, “um filho degenerado”; já Beatriz Colares é descrita como uma “jovem loura” com uma “paixão mórbida.” Marialva Barbosa observa que, “ao transpor a realidade para a narrativa, o autor das notas sensacionais constrói, na verdade, personagens e representações arquetípicas.”⁴⁵

Em relação à Izabel Tejada, apesar desta ter sido a vítima, não recebe adjetivos favoráveis no jornal *Folha Vespertina*, devido a sua atividade relacionada à prostituição. O jornal condena o crime, entretanto também condena a vida que a vítima peruana levava na capital paraense, afirmando que “um halo de desgraça [a] envolveu durante a vida e até na morte” e que “no seu caminho sombrio outras predestinadas se macularam.”⁴⁶ Desse modo, a representação de Izabel Tejada no jornal e no folheto são semelhantes.

Para entendermos a “passagem” de uma notícia do jornal para o folheto, vamos utilizar como exemplo os trechos em que o repórter da *Folha Vespertina* e o poeta Arinos de Belém se referem à vida de Beatriz Colares. Nas edições das 11 horas e das 16 horas do dia 21 de dezembro de 1942, o jornal assim apresenta Beatriz Colares:

Beatriz Afonso Colares é paraense, branca, casada, de 19 anos.

Separada do esposo, atualmente na capital do país, e que se chama Francisco Colares, reside em companhia de seus pais, Alexandrina Alves Alencar e Luiz Caetano Afonso, à rua Ângelo Custodio, 88.⁴⁷

Beatriz Afonso Colares tem uma história bem triste. Conta apenas 19 anos. Aos 16 consorciou-se com Francisco Narthou Colares. Este casamento constituiu verdadeiro desgosto aos seus genitores, o antigo mestre das oficinas Pires da Costa & Cia., Luiz Caetano Afonso, e Alexandrina Alves Alencar. Foi tão grande o

⁴⁵ BARBOSA. **História cultural da imprensa**, op. cit. p. 245.

⁴⁶ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 11 horas, 21 dez.1942. p. 1.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 3.

abalo que aquele sofreu que, hoje, carpe, no fundo de uma rede, a tortura de uma paralisia facial.⁴⁸

Já no primeiro folheto de *O crime da Praça da República*, Arinos de Belém apresenta Beatriz Colares da seguinte maneira:

Essa Beatriz Colares
de gênio inquieto e vário
é filha de gente boa,
de pobre e humilde operário
que lhe dando bons conselhos
via tudo ao contrario.⁴⁹

Casou-se contra a vontade
do seu pae que bem a quis,
e devido o casamento
que não é bem de raiz,
teve o pae sério desgosto
só não morreu por um triz.⁵⁰

Uma comparação entre os trechos nos aponta várias transformações na “passagem” da notícia do jornal para os folhetos de cordel. O que tais omissões de informações e estratégias de modificação e simplificação utilizadas por Arinos de Belém podem nos sugerir?

Primeiramente, não podemos esquecer que o poeta tem de adaptar um texto em prosa para versos. Assim, a escrita do poeta tem uma série de normas e limitações que deve levar em conta. Em estudo sobre as adaptações de textos da literatura erudita em folhetos de cordel, Márcia Abreu aponta que a adaptação é feita “segundo as ‘regras’ de composição dos folhetos, já que o interesse pelo tema, ou pelo enredo, não é suficiente para que o público habitual de folhetos aprecie um texto de literatura erudita.” Podemos utilizar a mesma ideia em relação à transformação de notícias de jornais em folhetos sobre crimes, ao observar algumas modificações realizadas pelo poeta Arinos de Belém. Márcia Abreu também afirma que “mesmo quando há uma transcrição praticamente literal do

⁴⁸ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 16 horas, 21 dez.1942. p. 1.

⁴⁹ BELÉM. **O crime da Praça da República**. op. cit. p. 8.

⁵⁰ *Ibidem*.

texto-matriz, inserem-se cortes a fim de obter versos setissílabos e introduzem-se palavras – ou altera-se sua ordem – para criar rimas.”⁵¹

Transformar histórias em versos de cordel não significa apenas metrificicar e rimar um texto. É fundamental também “adequar a sintaxe e o léxico”. Ao comparar a obra *A Escrava Isaura* com a sua versão em folheto, Márcia Abreu aponta ainda que o folheto é “mais sucinto e direto, simplificando a estrutura dos períodos e privilegiando a ordem direta nas orações”.⁵² O excesso de informações de que dispunha Arinos de Belém fez com que o poeta selecionasse as que ele considerava mais relevantes para se adequar à estrutura do cordel. A inclusão dos nomes dos pais e do marido de Beatriz, além do endereço, poderia dificultar a formação de versos setissílabos e as rimas. Além disso, tais informações poderiam complicar a compreensão dos leitores, já que os versos citados tinham a função de apresentar Beatriz Colares, ou seja, era a primeira referência sobre ela na narrativa de *O crime da Praça da República*. A inclusão de tais nomes poderia desviar o foco, que no momento estava na personagem de Beatriz. Assim, o poeta substituiu os nomes dos pais por termos como “filha de gente boa”.

Em relação aos personagens, nos folhetos de cordel eles serão conhecidos “menos por uma descrição [física] do que por suas atitudes, a partir das quais se estrutura o enredo.”⁵³ Desse modo, o poeta Arinos de Belém omite a descrição que o jornal faz de Beatriz Colares, de que ela é “paraense, branca, casada, de 19 anos.” O poeta informa apenas que Beatriz é “de gênio inquieto e vário”, e que em relação aos conselhos do pai “via tudo ao contrário”, priorizando assim as informações sobre as atitudes dela no decorrer da história. De acordo com a representação que o poeta tem de seus leitores, estes compreenderiam mais facilmente o personagem a partir das atitudes, e não pela descrição física.

Outra questão apontada por Márcia Abreu é de que o poeta não trata “apenas de enxugar o texto”, mas de “aproximá-lo das referências dos leitores”.⁵⁴ Percebemos isso nos versos de Arinos de Belém no primeiro folheto de *O crime da Praça da República* em dois momentos: quando o poeta se refere à profissão e à doença do pai de Beatriz Colares. Em relação à profissão, o jornal *Folha Vespertina* aponta a de “mestre das oficinas”, e sobre a doença aponta “paralisia facial”. Esses termos mais técnicos

⁵¹ ABREU. “Então se forma a história bonita”, op. cit. p.202.

⁵² Ibidem, p. 204-205.

⁵³ Ibidem, p. 209.

⁵⁴ Ibidem, p. 205.

provavelmente eram desconhecidos dos leitores dos folhetos de cordel, sendo necessária uma “tradução” em palavras que pudessem ser de mais fácil compreensão pelos leitores. Assim, Arinos de Belém aponta que a profissão do pai de Beatriz era a de “operário”, termo de mais familiaridade dos leitores; sobre a doença, não a substitui por uma palavra específica, antes prefere apontar a gravidade dela, dizendo que o pai “só não morreu por um triz”.

No entanto, nos versos sobre Beatriz Colares, o poeta Arinos de Belém também acrescenta informações sobre a personagem ao dizer que o casamento dela “não é bem de raiz”. Tal informação provavelmente foi elaborada pelo poeta a partir da ideia de que o casamento, segundo a *Folha Vespertina*, provocou “desgosto aos seus genitores”. Desse modo, o descontentamento dos pais foi suficiente para o poeta condenar o casamento de Beatriz.

O final do segundo volume de *O crime da Praça da República* merece uma atenção maior, visto que o poeta Arinos de Belém dá mostras das suas próprias conclusões sobre o crime. Arinos de Belém parece esquecer todos os adjetivos negativos que atribuiu a Red Lucier e o coloca em posição de vítima em relação à paixão que tinha por Beatriz Colares:

Quem sabe se Beatriz
os crimes insinuava
atirando ao precipício
esse rapaz que ela amava?
Si ela lhe pedia o luxo
como era que ele o dava?⁵⁵

Apaixonado, talvez,
para a mulher agradar
ele que não tinha emprego
não queria se humilhar
e de uma ou outra forma
ele tinha de arranjar.⁵⁶

Nas estrofes finais, o poeta especula se não teria sido Beatriz quem levou Red Lucier a cometer tais crimes. Isso, de certo modo, minimiza a situação de Lucier no assassinato de Izabel Tejada, já que estava

⁵⁵ BELÉM. *O crime da Praça da República (Segundo volume)*. op. cit. p. 14.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 15.

“apaixonado” e “seduzido”. Essa postura nos indica que o segundo folheto de Arinos de Belém traz uma versão masculina do fato. Assim, tal abordagem se assemelha à do folheto *O barbaro crime das mattas da Várzea*, analisado por Ana Galvão, onde ela aponta que o poeta “parece se colocar no lugar do personagem com o qual mais se identifica – o homem da história.”⁵⁷

Como o poeta chegou a tal conclusão? Terá sido ele influenciado pela *Folha Vespertina*?

O jornal não deixou de culpar Raimundo Lucier pelo assassinato de Izabel Tejada em todas as suas reportagens, atribuindo-lhe responsabilidade maior no crime do que Beatriz Colares. Os adjetivos negativos no jornal, por exemplo, são atribuídos em sua maior parte a Raimundo Lucier. Contudo, um tópico do jornal do dia 21 de dezembro de 1942, na edição das 16 horas, intitulado “Ele vivia a custa daquela desgraçada”, pode nos dar pistas da conclusão de Arinos de Belém:

“Ele vivia a custa daquela desgraçada”

- Red era empregado?

- Não.

- Como se explica o luxo em que ele vivia?

- Comida eu o [sic] dava. E a roupa, dinheiro e tudo mais ele arrumava por aí afora. Ele vivia a custa daquela desgraçada. Ela tirava de outros homens para dar a ele.⁵⁸

O trecho acima é de uma entrevista que o repórter da *Folha Vespertina* fez com a mãe de Raimundo Lucier, Palmira Marques Leal. Ela defende o filho, apontando que Beatriz Colares, chamada por ela de “desgraçada”, induziu Lucier a cometer o assassinato de Izabel Tejada. Trata-se assim de uma opinião da mãe de Raimundo Lucier, e não do jornal, que deixa claro aos leitores ser a fala de Palmira Leal. Assim, tal fala da mãe de Raimundo Lucier pode ter sido a fonte em que o poeta Arinos de

⁵⁷ GALVÃO. **Cordel**: leitores e ouvintes, op. cit. p. 89.

⁵⁸ **Folha Vespertina**, Belém, edição das 16 horas, 21 dez.1942. p. 1.

Belém se baseou para formular a sua opinião sobre o caso.⁵⁹

Roger Chartier afirma que a intenção do autor do texto não corresponde necessariamente à interpretação do leitor. As práticas que se apoderam dos textos são sempre “criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas”.⁶⁰ A intenção do jornal, ao publicar a declaração da mãe de Raimundo Lucier, não era a de minimizar a participação de Lucier no crime, e sim, explorar mais o caso com o depoimento de pessoas que conheciam os envolvidos no “crime da Praça da República”. Contudo, é possível que o poeta Arinos de Belém tenha interpretado o caso a partir do depoimento de Palmira Leal, atribuindo também uma responsabilidade maior a Beatriz Colares, que teria induzido Lucier a cometer o assassinato de Izabel Tejada. Desse modo, podemos relacionar a leitura que o poeta fez do jornal às leituras do moleiro Menocchio analisada por Carlo Ginzburg, que aponta que o moleiro italiano “destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas.”⁶¹

O que nos leva a supor que Arinos de Belém tenha se baseado na edição das 16 horas de 21 de dezembro de 1942 da *Folha Vespertina* para dar a sua opinião é que nessa edição o jornal realizou a sua cobertura mais completa do caso, incluindo depoimentos como o de Palmira Leal, que não constava das outras edições. Dessa maneira, as informações específicas dessa edição da *Folha* podem ter sido determinantes para o poeta elaborar a sua conclusão.

Podemos considerar também outra influência: a oralidade. Carlo Ginzburg, quando analisa as ideias do moleiro Menocchio acerca da origem do universo, aponta que “o encontro da página escrita com a cultura oral é

⁵⁹ Apesar de estarmos analisando aqui a relação dos folhetos com o jornal *Folha Vespertina*, é possível também que Arinos de Belém tenha se inspirado em outras histórias de crimes, inclusive na literatura. Podemos citar os chamados “romances de sensação” da virada do século XIX para o XX, que obtiveram grande sucesso entre o público leitor. Essa expressão servia para avisar o leitor do que estava por vir: “dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis. Em outras palavras, fatos surpreendentes que extrapolavam a ordem rotineira do cotidiano.” EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação - Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 14.

⁶⁰ CHARTIER, *A história cultural*, op. cit. p. 136.

⁶¹ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Coleção Companhia de Bolso). p. 95.

que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva.”⁶² Não podemos esquecer que o “crime da Praça da República”, pela repercussão que causou, pode ter sido objeto de conversas na época. Assim, cada pessoa formulou sua própria opinião sobre o caso, algumas responsabilizando Raimundo Lucier, outras culpando Beatriz Colares. Esses comentários também podem ter influenciado Arinos de Belém na sua conclusão sobre o chamado “crime da Praça da República”.

A comparação entre as notícias do “crime da Praça da República” no jornal e no folheto nos parece exemplar para se pensar as relações entre imprensa e cordel no Pará na primeira metade do século XX. O folheto de cordel tinha uma ampla camada de leitores, que se interessavam pelas notícias em forma de versos.⁶³ Desse modo, ao produzir uma história, o poeta tinha que levar em conta esses leitores, que tinham uma expectativa para saber como o caso seria tratado no folheto. Apesar de tomar conhecimento da notícia pelo jornal, o poeta não podia retratá-la do mesmo modo: era necessária uma adaptação que devia seguir as normas da literatura de cordel, ao mesmo tempo em que devia ser uma história que atraísse a atenção dos leitores, já que um folheto só seria publicado se pudesse ser comprado por um amplo público.

Artigo recebido em julho de 2011; aprovado em dezembro de 2011.

⁶² Ibidem.

⁶³ Uma pista para entender como era realizada a leitura dos folhetos e a preferência dos leitores de cordel no Pará na primeira metade do século XX está nas memórias do pesquisador Vicente Salles: “Folhetos de cordel conheci também aqueles adquiridos por meu pai de vendedores ambulantes que apareciam em Castanhal. Quando ia a Belém adquiria folhetos da Guajarina, estórias de heróis e valentões. Os chamados ‘romances de cordel’. Ele lia alto, quase cantando, todinho. Acho que eram descartáveis, pois ele não os guardava na estante. Em geral, folhetos nordestinos. Meu pai gostava porém de Zé Vicente, poeta paraense, seu amigo, que versava temas políticos e da atualidade, como *O golpe de seu Gegê ou o choro dos deputados* e principalmente a *Peleja de Armando Sales e Zé Américo*.” SALLES, Vicente. **Um retrospecto – memória**. 2 ed. revista e ampliada. Brasília: MicroEdição do autor, 2007. p. 11.